



EDUCAÇÃO AMBIENTAL E EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA

Fernando Louro Alves

RESUMO

O questionar dos objectivos principais da Educação encaminham-nos para a constatação de que se estão a "construir" jovens idealmente carregados de conhecimentos, mas que na realidade, pouca ou nenhuma capacidade de sobrevivência possuem em sociedades com valores diferentes daquela em que foram formados, e que cada vez menos possuem a capacidade de se articular com os outros. A Educação Ambiental como a Educação para a Cidadania pretendem contribuir para melhorar os comportamentos dos cidadãos do amanhã. No presente artigo demonstra-se que em sentido lato, as questões ambientais incluem as de cidadania, e que as estratégias habitualmente empregues em Educação Ambiental ao pretenderem induzir a modificação de atitudes são também as que melhor se adaptam às questões de cidadania. Por outro lado salienta-se que os aspectos relacionados com a Educação para a cidadania não podem ser exclusivo de ninguém e devem ser assumidos como uma obrigação das sociedades.

Palavras-chave: Cidadania, Educação Ambiental, Ambiente, Educação

ABSTRACT

When questioning ourselves about the main targets of the Educative process, we can conclude that we are "building" youngsters who should be plenty of knowledge, but which, in fact, have no capacity to survive in a different society from the one where they belong, and are worse and worse able to relate with others. Environmental Education as Citizenship Education which to contribute to improve a better environmental behavior for tomorrow citizens. We wish to prove that, sensu lato, Environmental issues include those from Citizenship and that the strategies usually used on Environmental Education should induce a better behavior which are also the expectations in terms of citizenship. We would also like to emphasize that the question of Education for citizenship is not an exclusivity of nobody and that they should be considered as an obligation of all the societies.

Keywords: Citizenship, Environmental Education, Environment, Education

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA

Fernando Louro Alves

Quando olhamos o Mundo que nos rodeia, constatamos falhas no "progresso" de uma sociedade dita evoluída em que nos integramos. Este processo de avaliação simples tem levado a afirmações e tomadas de posição, nem sempre bem ponderadas, nem sempre de acordo com a conjuntura legal instituída, nem sempre enquadradas no próprio sistema de valores de que parte.

Enquanto educadores, constatamos inúmeros factos que, quando comparados com a realidade, nos levam a um constante levantar de questões:

Algumas constatações geralmente aceites:

educar é transmitir cultura

cultura é tudo o que resta depois de esquecermos tudo o que aprendemos.

cultura é a capacidade de discutir.

as civilizações são caracterizadas pelas respectivas culturas.

a história surgiu quando surgiram as cidades.

as cidades surgiram por iniciativa do Homem, para aí desfrutarem de melhores condições de vida. Como tal, as cidades deveriam ser o local privilegiado para os Homens viverem.

cidadão é aquele que vive a cidade, com as suas relações, os seus modos de produção, a sua cultura.

A educação é a principal aliada da cidadania.

Algumas questões se nos colocam:

Será que todo o ensino é educador ?

será que os processos educativos correntes conferem sempre cultura ?

será que conseguimos que todos os nossos jovens, depois de concluído o seu processo educativo possuam cultura ?

será que as nossas cidades são ainda hoje o local privilegiado

para os Homens viverem ? será devido à sua estrutura (presença ou ausência de planeamento), ou também será devido à postura dos Homens uns relativamente aos outros e àquilo que o rodeia ?

será que os cidadãos de hoje vivem a cidade ?

A História do Homem perante o ambiente pode dividir-se em três fases¹. Em termos de cidadania poderemos fazê-lo do mesmo modo.

O primeiro conceito de cidadania surge na Antiguidade Clássica, embora, nessa altura apenas os homens proprietários de terras tivessem direito ao título de Cidadão. Nesta altura a cidadania era um privilégio que consistia na capacidade de votar e de ser eleito, e que não abrangia nem as mulheres, nem as crianças, nem os escravos, nem os estrangeiros.

Durante a Idade Média, as sociedades feudais esqueceram completamente este conceito, fruto das suas fortes assimetrias sociais, passando os direitos e os deveres a ser assignados a cada uma das diferentes classes sociais.

Com o advento da modernidade e com a Revolução Francesa em particular, o conceito foi retomado e se por um lado surgiu no século XVIII o conceito de Estado de Direito definido pela igualdade de direitos perante a constituição, também surgiram os princípios da Igualdade, da Fraternidade e da Liberdade².

Embora por vezes se tente chegar a uma listagem dos valores e atitudes que constituem a expressão da cidadania, é fácil verificar que eles são diferentes de lugar para lugar e variáveis com o tempo³.

Em torno do conceito de cidadania orbitam além destes, outros valores, na maior parte dos casos constituindo direitos ou deveres de todos os cidadãos:

<p>Revolução Francesa</p> <ul style="list-style-type: none"> • Igualdade • Liberdade • Fraternidade 	<ul style="list-style-type: none"> • Tolerância • Solidariedade • Respeito (por si, pelos outros, pelas minorias, pelo ambiente, ..) • Responsabilidade social • Capacidade de apropriação (do espaço, dos valores, da cultura, . . .) • Participação pública e cívica (nas decisões, na discussão, na resolução dos problemas, . . .) • <u>Cultura urbana</u>⁴ • <u>Ecologia urbana</u>⁵ •
--	---

A relação dos cidadãos com a cidade pode passar por um processo faseado, mas não hierarquizado:

Sensibilização / Tomada de Consciência	O processo de Tomada de Consciência pode ser fruto de uma capacidade crítica e avaliativa própria ou ser o fruto de acções de Sensibilização, integradas ou não, em experiências do foro educativo formal. Esta fase constitui o despertar para a acção.
Conhecimento / Apropriação	Não é possível agir sobre o que não se gosta. Também não é possível gostar do que não se conhece. Uma vez recebida a informação de base que sirva de substrato a uma tomada de posição minimamente fundamentada, o cidadão começa a assumir o problema como seu. Em termos de cidadania, ele sentirá a cidade como sua, gostará da cidade, viverá a cidade
Reflexão / Questionamento / Problematização	O conhecimento da cidade e dos seus problemas passa a ser merecedor de uma ponderação. Começam a surgir questões. Os problemas começam a ser identificados
Posicionamento / Representações / Verbalização e Audição dos outros	A fundamentação obtida permite a tomada de posição. Esta deve ser expressa (comunicada) aos restantes concidadãos. A representação individual pode ser verbalizada, mas o processo mais importante é o da partilha, i.e., o momento em que os cidadãos verbalizam e ouvem (sabem ouvir) as opiniões uns dos outros.
Participação Democrática e Intervenção Cívica	A fase de intervenção é, evidentemente, a mais importante. O cidadão age conscientemente no sentido da acção desde que as suas competências e capacidades tenham sido desenvolvidas com o objectivo de tornarem possível a sua actuação. Na realidade esta é a fase em que finalmente existe apropriação da cidade pelo cidadão: uma grande percentagem dos problemas da cidade resulta minimizada ou pelo menos não aumentada. A partir deste momento a democracia começa realmente a ser assumida, e o cidadão é chamado a participar nos processos de decisão.

Esta relação é em tudo semelhante àquela que tem sido propalada como ideal em termos de quadro de atitudes do cidadão perante o ambiente e que é afinal o principal objectivo da Educação Ambiental como área do conhecimento. Se compararmos o faseamento descrito, este passa pelos mesmos aspectos referidos em 1977 em Tbilisi para o processo da Educação Ambiental.

[Tanto em relação às questões de cidadania como relativamente às](#)

questões ambientais poderia pensar-se na introdução de regras, direitos e deveres, no estabelecimento de um sistema de fiscalização eficaz, na imposição de regras de mercado, etc. . . Contudo, também é fácil verificar a ineficácia desses sistemas. Cedo se entendeu que a única forma eficiente de se reagir perante o meio será induzir uma desejável mudança de atitudes ou construção de quadros de atitudes mais favoráveis. Para o fazer isso só pode passar por um processo educativo, mas um processo educativo especificamente virado para esses objectivos⁶. Como veremos mais adiante, não poderá nunca restringir-se o processo educativo ao espaço escolar, mas os professores terão que se colocar no rumo da inovação e fomentar dentro da escola uma convergência dos agentes em torno do projecto educativo.

Almeida, F. (2000) refere como alguns dos valores na educação escolar

- Apreço pela aprendizagem
- Respeito e cuidado por si próprio
- Respeito e cuidado pelos outros
- Sentimento de pertença
- Responsabilidade social

Na actualidade e na sociedade de informação em que vivemos, constata-se que grande parte da informação que chega aos cidadãos é veiculada pelos *media*. As regras pelas quais estes se regem são também regras de competitividade comercial (como a publicidade ou as audiências), ou mesmo outras menos nobres de condução de massas. No entanto toda essa informação acaba por "passar" pelas mentes dos indivíduos. A capacidade de selecção da informação a reter não é igual para todos. Tenhamos também a consciência de que, da informação veiculada em catadupa por um qualquer órgão de imagem e som, só uma parte muito pequena fica retida. A única forma, então, de gerar uma efectiva mudança de atitudes será através de um processo duradouro, cuidado e adaptado às atitudes e aos comportamentos que se deseja incutir, bem como à população alvo.

Tornou-se uma necessidade o desenvolvimento de uma cultura social, por contraponto a uma iliteracia social que grassa, muitas vezes de forma não proporcional ao "desenvolvimento" económico das sociedades⁷. O processo de aprendizagem deve ser preferencialmente orientado para os valores e não para os dogmas⁸. Se se conseguir incutir na população alvo as capacidades e os valores elementares será possível que cada um construa os seus próprios dogmas, e será possível construir uma cultura social⁹—Assim sendo, será mais fácil entender as diferenças de valores, compreender a evolução dos valores sociais com o tempo, inclusivé aumentar a capacidade de sobrevivência.

Para atingir a mudança de atitudes (ou a construção de melhores quadros de atitudes) a Educação Ambiental tem vindo a socorrer-se de um conjunto de estratégias pedagógicas de que se vai testando a eficácia, estratégias essas que não foram na maior parte dos casos originais na Ed. Ambiental. As estratégias de simulação, as de dramatização com jogo de papéis, os jogos em geral, os estudos de caso, a interactividade e a transdisciplinaridade, etc. . . sempre foram utilizadas noutras situações por todos os pedagogos. Hoje em dia, no entanto, às estratégias testadas para a construção ou a mudança de atitudes já hoje chamamos o grupo das Estratégias Pedagógicas de Educação Ambiental¹⁰

Poderia pois caminhar-se para a realização de uma Educação para a

Cidadania de acordo com estratégias de Educação Ambiental.

A perspectiva no entanto pode ser algo diferente. Se atentarmos no passado, verificamos que a necessidade da Educação para a Cidadania decorre da mesma motivação que a da Educação Ambiental. Efectivamente com o evoluir histórico da nossa civilização, a revolução industrial conferiu ao Homem uma arrogância que o levou a acreditar que era capaz não só de "mandar" na Natureza, como também o fez assumir a posição egocêntrica e egoísta de menosprezar os outros. Da mesma forma que se torna premente favorecer o respeito pelo ambiente que nos rodeia, o mesmo sucede para a geração de comportamentos dignos de uma vida em sociedade.

Alguns autores já demonstraram mesmo que a Educação Ambiental, com a sua aproximação sistémica mas holística¹¹, estende a sua esfera de eficiência no processo de culturação dos povos, para além de uma abordagem restringida. A abordagem ecossistémica (homem mais contexto ambiental) confere-lhe uma visão mais ampla que faz conjugar as perspectivas ecológica, social e económica¹². Quanto mais abrangente for o enfoque de abordagem, maiores semelhanças se podem encontrar com as "outras" educações: a Educação para a Paz, a Educação para a Sustentabilidade, a Educação para os Direitos Humanos, a Educação para a Biodiversidade, a Educação para a Cidadania.

Por exemplo, se compararmos a Educação Ambiental com a Educação para o Desenvolvimento.

	Educação para o Desenvolvimento.	Educação Ambiental
Enfoque reduzido	Problemas dos países do Terceiro Mundo, aceitação implícita do modelo de desenvolvimento ocidental, implicação da população alvo em iniciativas de solidariedade.	Ambiente local, maior ênfase aos aspectos biológicos e geo-gráficos, ensino experimental, desenvolvimento do interesse pelo ambiente, e da necessidade de actuar na sua preservação e melhoria.
Enfoque amplo (mais destinado à população em geral, ou às populações escolares mais jovens.)	Desenvolvimento do Mundo, outras perspectivas que não as ocidentais, implicação da população alvo no desenvolvimento de capacidades de participação nos processos de tomada de decisão	<u>Interdependências ambientais local, nacional e mundial, relações do homem com os ecos-sistemas, perspectivas não ocidentais do relacionamento Homem - Ambiente. Desenvolvimento de um interesse consciente pelas questões ambientais, e de capacidades de participação¹³.</u>

Quando comparamos os enfoques amplos de ambas as abordagens são evidenciadas as grandes semelhanças. Poderia mesmo pensar-se nas reduzidas diferenças. . .

Subjacente ao conceito de cidadania está um conjunto de idéias, que visam uma abordagem ao nível das relações¹⁴: as relações com os outros, com o meio, com a cultura, com o património, . . .

Como conclusão poderíamos contrapor a afirmação de que na generalidade, Educação Ambiental é Educação para a Cidadania e vice versa¹⁵

Podem considerar-se objectivos principais quer para a Educação Ambiental quer para a Educação para a Cidadania:

- Promover a cultura ambiental dos cidadãos.
- Promover a diminuição dos problemas ambientais (ambiente sensu lato) e melhorar a qualidade do ambiente

Indirectamente, no entanto, mas por vezes não menos importante, a Educação Ambiental enquanto processo, gera empatia dentro dos grupos, fortalecendo as relações, criando conjunturas facilitadoras do processo de aprendizagem, enriquecendo enquanto experiência os agentes no processo educativo, catalizando-o positivamente.

E, porque de valores se trata, uma das primeiras fases do processo passa pela capacidade de criticar o próprio sistema. Muitas vezes estamos tão inseridos nele, que perdemos a capacidade lúcida de o fazer. Como exercício poderíamos socorrer-nos de um trecho do romance de Irving Wallace "As Três Sereias", escrito em 1963.

Nele, o autor descreve a perspectiva de um nativo daquelas ilhas (*Três Sereias*) acerca da sociedade americana perante um antropólogo americano que se tinha mostrado mais céptico e crítico relativamente ao tipo de sociedade que existia nas *Três Sereias*:

"(. . .) Suponhamos que pertencia às Sereias e que os habitantes destas ilhas eram americanos. Suponhamos que um grupo de peritos de As Três Sereias se metia num barco e atravessava o Pacífico para elaborar um estudo sobre uma sociedade de que ouvira falar, a tribo composta pelos nativos conhecidos como homo americanos. Qual seria a sua opinião final ?

(. . .)

Os antropólogos polinésios comunicariam que a tribo americana vivia em muitas cidades e aldeias, sendo as cidades mausoléus sufocantes de cimento armado. de aço, de vidro, o ar das cidades poluído, cheio de fumos, vapores ,de gás, odores de comida e de transpiração. Nestas cidades sem ar, sem luz, ruidosas, frenéticas, os nativos americanos trabalhavam longas horas em salas fechadas, artificialmente iluminadas, labutando intensamente devido ao constante terror que lhes inspiravam aqueles que estavam acima deles e também os que se encontravam abaixo.

Uma vez por outra, estes nativos eram desviados da sua rotina por guerras sem sentido. Os homens, que tinham sido ensinados aos domingos a amar o semelhante, a voltar a outra face, marchariam com armas explosivas para aniquilar, mutilar, escravizar os seus irmãos. Se um homem abatia muitos outros homens era condecorado com um bocado de metal, que lhe suspendiam no peito.

A vida provava-se difícil para o homo americanos, tão difícil que, para sobreviver, ele tinha de se drogar com líquidos amargos que lhe

embotavam os sentidos ou com cápsulas que o acalmavam artificialmente ou que lhe forneciam momentâneo esquecimento.

A tribo era composta por uma grande variedade de indivíduos dos sexos masculino e feminino. Havia mulheres, de trajo negro, que juravam eterna castidade mas que casavam com uma divindade de outra era; havia jovens que davam o seu corpo em troca de diversas somas em dinheiro a qualquer homem que telefonasse, e havia mulheres mais velhas, pertencentes a agrupamentos chamados clubes, que passavam toda a sua vida a ajudar os outros a prestar pouca atenção à sua própria família e cabanas. Havia homens que tinham feito voto de castidade, que se sentavam sem ser vistos enquanto outros confessavam os seus pecados, e ainda homens, que não faziam voto de castidade, que se sentavam completamente visíveis, escutando indivíduos perturbados enquanto estes desfiavam recordações caóticas.

Havia homens com alguns anos de aprendizagem que ensinavam a maneira de um assassino recuperar a liberdade ou como extorquir dinheiro ao corpo governante. Havia homens que pintavam quadros semelhantes aos que as crianças pintavam naturalmente e se tornavam milionários, e homens que escreviam livros que não seriam compreendidos e se tornavam ídolos vivos. Havia homens escolhidos para governar os outros, não devido à sua sabedoria, mas devido à sua capacidade em falar, ou ao seu talento para a chicana, ou à sua semelhança com uma imagem de pai universal.

Uma sociedade curiosa, esta, que descansava ao sétimo dia, que celebrava um feriado dedicado a todas as mães, um feriado a Cupido, um feriado ao trabalho. Uma sociedade em que era venerado um bandido chamado Robin Hood,

um outro chamado Jess James e outro ainda chamado Billy the Kid, e que também distinguia as mulheres de acordo com o seu desenvolvimento mamal.

Nesta tribo medieval abundavam as superstições. Grandes estruturas eram erguidas sem o número treze. As pessoas procuravam não caminhar debaixo de escadas, ver gatos pretos, derramar sal ou assobiar em determinadas salas. Quando se casava, o noivo não via habitualmente a noiva durante todo o dia que precedia o da cerimonia.

Os nativos não permitiam a matança de um touro em público, mas entusiasmava-os o desporto em que um homem, com couro nos punhos, desfigurava e por vezes matava outro homem; igualmente, eram loucos por um desporto em que vinte e dois indivíduos corpulentos se lançavam num cacho para arrebatam uma bola, muitas vezes à custa de danos físicos.

Era uma sociedade de abundância onde alguns morriam de fome, uma sociedade que consumia caracóis e vacas mas tinha um tabu contra o consumo de gatos e cães. Era uma sociedade que receava e mantinha à margem aqueles dos seus membros que tinham pele negra; contudo os indivíduos de pele clara consideravam um reflexo da opulência e do lazer exporem-se ao sol e enegrecerem a sua própria epiderme. Era uma sociedade em que os chefes inteligentes se viam olhados suspeitosamente, em que muitos homens que desejavam cultivar-se não tinham

*o dinheiro necessário para tal, em que eram gastas fortunas para manter
homens
vivos e outras fortunas para matar homens por meio da electricidade.*

(. . .)

Na actualidade, poderemos começar mesmo por questionar qual é o nosso ideal de cidadania. Problemas como o incremento ao consumo, a globalização, a desintegração social, são alvo de grupos de profissionais. A sociedade reage perante esses estímulos.

Os agentes no processo educativo devem assumir um papel interveniente, mas em que sentido ?

Como reagir perante a mediatização ? a globalização ? a dicotomia entre a multiculturalidade e o tribalismo / regionalismo / clubismo ? a separação entre os cidadãos e os dirigentes políticos que culmina no abstencionismo ? a exclusão social, as novas formas de miséria, as diferentes doenças das sociedades ? e perante a concentração demográfica e a desertificação das regiões periféricas ? e perante o declínio da qualidade de vida urbana ? e perante os fenómenos de multidão ?

Por que não tentarmos avaliar o nosso próprio grau de cidadania ?

Já anteriormente se considerava ser redutor que a Escola fosse o local exclusivo para a Educação. Aí o ambiente, as pessoas, a conjuntura são os mais favoráveis ao processo educativo mas este deve e tem de ser continuado no exterior da escola, pela família, pela organização não governamental, pela sociedade em geral. O constante evoluir da sociedade também determina a impossibilidade da conclusão do processo educativo, tornando-o permanente e contínuo: é necessário educar para aprender.

Assim, perante tanta necessidade de educação, por que não caminhar para uma sociedade educadora ?

**Imagem:**

Durante uma "Viagem na Nossa Terra" da ASPEA, de visita ao Parque Arqueológico de Foz Coa, fez-se um ligeiro desvio por Freixo de Espada à Cinta. Junto ao famoso freixo, onde quando da Reconquista, o nosso ido monarca encostou a espada e dormitou, algumas habitantes bordavam e conversavam. Os nossos participantes, misturaram-se com a população conversando, aprendendo e partilhando saberes. Para além dos valores do património natural e paisagístico e dos do património construído, os valores culturais enriquecem-nos enquanto cidadãos.

NOTAS

1 - A postura do Homem perante o Ambiente pode encarar-se como dividida em três fases: a criação, a destruição e a reconstrução. Na realidade a fase da criação corresponde ao período pré-histórico e histórico até à Revolução Industrial, em que os Homens estabeleciam uma relação de respeito para com a Natureza por dela dependerem integralmente. O segundo período, em que o Homem, porque é capaz de gerar superavit, julga dominar a Natureza, desrespeita-a, e intencionalmente ou não, leva-a à destruição. A terceira fase corresponde à tomada de consciência da necessidade de agir perante a destruição constatada.

2 - Ainda hoje, se tentarmos avaliar na prática, verificamos que estes princípios não são cumpridos em muitos estados e regiões do globo.

3 - O problema mais difícil põe-se na identificação dos valores a transmitir por exemplo com populações deslocadas.

4 - Cada aglomerado urbano gera o seu sistema de valores, uns mais ou menos distintos dos outros, mas partilhado pelo conjunto dos habitantes. A

"personalidade" de cada aglomerado é específica e pode in-tegrar-se sob a égide da cultura urbana desse lugar. Existem, no entanto, alguns valores que são comuns à partilha de um local por um conjunto de Hominídeos. Estes definem um sistema de valores generalizável sob a definição de cultura urbana.

5 - Muitas vezes alguns autores têm remetido as questões ecológicas para os espaços naturais ou, quando muito, naturalizados. No entanto, uma abordagem não teórica demonstra a abertura do sistema a influências humanas. Estas são, cada vez mais determinantes numa "Ecologia global". Uma abordagem quanto a nós correcta, só pode ser, a do sensu lato, i.e. aquela que inclua a componente humana.

Como os Homens vivem cada vez mais em cidades, a componente do ambiente natural perde significado na avaliação da qualidade do ambiente para o Homem. A esta nova área da Ecologia, que não deixa de considerar a componente natural, rural, florestal, etc. . ., na medida em que estas se repercutem na qualidade do ambiente, podemos chamar Ecologia Urbana. Será difícil viver num aglomerado urbano em que as questões ecológicas não sejam tomadas em linha de conta.

6 - Mais do que preocuparmo-nos com o saber-saber estamos agora preocupados com o saber-fazer, o saber-ser e o saber -agir, que se repercutem no saber-estar entendendo o estar - local e o estar - social.

7 - Parece um lugar comum referir-se que muitas sociedades ricas em termos económicos, o não são em termos culturais. Para os países desenvolvidos, isso é uma constatação. No entanto, nos países sub-desenvolvidos, sistematicamente "bombardeados" com certo tipo de informação, acaba por vigorar a ideia de que os grandes, ou este ou aquele modelo são os ideais a atingir, os mais perfeitos, os que não têm problemas de qualquer tipo.

Da mesma maneira, mas com necessidades de um processo educativo completamente distinto, estão as populações imigradas de países sub-desenvolvidos nos países ditos desenvolvidos. Nestes casos, elas quase têm vergonha de mostrar a sua cultura e, salvo honrosas excepções, vigora um processo educativo de cariz "integrador". Quem possui a capacidade de julgar que cultura deve "engolir" qual? A Educação para a Biodiversidade pretendeu já reforçar a importância de "beber" de outras culturas como forma de enriquecimento da nossa própria cultura, trabalho esse que tinha sido iniciado no passado, por eminentes estudiosos como Levi-Strauss.

8 - Sobretudo quando se lida com populações - alvo dos níveis etários mais baixos, é evidenciada uma necessidade de informação que possa "reger" o futuro. Evidentemente que é indiscutível a necessidade dos modelos, a necessidade de se conhecerem as regras, etc. . ., mas da mesma forma não pode ser omitida a capacitação dos indivíduos para a discussão dessas regras e desses modelos. A deificação de personagens ou regras conduz a grandes desequilíbrios quando estes caem. Além disso que dogmas deveremos seleccionar? Com que critério? Cabe ao docente escolhê-los com os critérios que a sua própria deontologia profissional lhe apontar, i.e., em consciência, e tomando em consideração tudo o que o rodeia: desde os que fazem parte da sua própria cultura, os que conhece da população alvo, outros que entretendo vão nascendo, . . .

9 - É importante ter-se em linha de conta que o adquirir de valores não se processa sempre de uma forma consciente. Também o transmitir de valores nem sempre se processa de uma forma consciente. Assim, e uma vez que enquanto

ensinamos o fazemos, deveremos ponderar se o estamos a fazer da melhor maneira, ou se os valores que estamos a transmitir são efectivamente os que queremos.

10 - A Educação Ambiental é uma área de intervenção pedagógica, que para alguns já começa também a ser considerada uma estratégia pedagógica. Interessa por isso distinguir que neste caso estamo-nos a referir às Estratégias de Educação Ambiental.

11 - Apesar das preocupações das áreas de conhecimento relacionadas com a Ecologia no entendimento do funcionamento dos sistemas (sistémico), toda a abordagem ecológica é virada para a síntese. Isto quer dizer que a análise dos pormenores visa o melhor entendimento do todo (holístico), também sob a perspectiva da compreensão das relações (sistemas). A Educação Ambiental, como a Ecologia, segue a mesma raiz cognitiva aplicando as estratégias pedagógicas necessárias na prossecução dos seus objectivos.

12 - Este facto verifica-se ainda com um melhor entendimento se pensarmos numa população alvo de níveis etários mais baixos. A generalidade dos temas a trabalhar é tal que pode com facilidade ser qualificada de Educação Ambiental, Educação para a Cidadania, ou . . .

13 - Embora fora deste contexto comparativo que pretende evidenciar as semelhanças entre as duas áreas educativas a explorar, é interessante referir o que R.Carneiro (2000) refere para uma Cidadania Ambiental, pois mais uma vez se entende a abrangência do conceito e a inclusão dos aspectos de cidadania:

- Qualidade total do Ecossistema
- Pacificação do Homem com a Natureza
- Desenvolvimento sustentável e Desenvolvimento Humano
- Alargamento das escolhas pessoais
- Ética de relação com os bens da Natureza
- Solidariedade com os direitos das gerações vindouras
- Educação ambiental e educação cívica

14 - Não deixa de ser referenciável que Odum, E. P. defina a Ecologia como a ciência das relações. (vidé Fundamentos de Ecologia, 1988, F.C.Gulbenkian, Lisboa)

15 - Se voltarmos ao descrito na nota 9, entendemos que agora, pelo contrário, nos estamos a referir aos conteúdos, aos objectivos, às estratégias. Estamo-nos por isso a referir à Educação Ambiental enquanto área de intervenção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, F. **A Educação Ambiental e a Escola**. Pombal: CFPP, 2000.

Alves, F. e Caeiro, S. **Educação Ambiental Lisboa: Universidade Aberta**, 1998.

Carneiro, R. **Educação, Que futuro ?** Maia: ASPEA, 2000.

Giordan, A. **A Educação Ambiental na Europa**. Lisboa: IPAMB., 1996.

INAMB (Inst. Nacional do Ambiente). **Educação Ambiental - Textos Básicos**. Lisboa: INAMB, 1990.

Wallace, I. **As Três Sereias**. Lisboa: Publ.Eur.Am., 1963.

INFORMAÇÕES SOBRE O AUTOR

Licenciado em Engenheiro Silvicultor na especialidade de Gestão de Recursos Naturais e Pós-Graduado com o Curso de Mestrado em Planeamento Regional e Urbano. Engenheiro Assessor dos Quadros da Câmara Municipal de Lisboa, equiparado a Professor adjunto no Curso de Licenciatura em Engenharia dos Recursos Florestais do Instituto Politécnico de Coimbra e membro da direcção da ASPEA - Associação Portuguesa de Educação Ambiental.

Contatos

E-mail

louro.projev@mail.telepac.pt

SUMÁRIO

OLAM - Ciênc. & Tec.

Rio Claro

Vol 1
2001

nº 1

p. 160 - 175

Agosto /

ISSN 1519-8693

www.olam.com.br